

O empalhador de passarinho e Periquito el Aguador: crítica e vanguarda
em Mário de Andrade e Juan Carlos Onetti

Viviane Monteiro Maroca (UFMG)

Nascido em nove de outubro de 1893, em São Paulo, o escritor Mário de Andrade possui uma vasta obra literária, poética e ficcional, de caráter inovador e experimentalista, que veio ao público, pela primeira vez, com a publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917. Mário é conhecido por sua participação como um dos idealizadores do grande movimento de vanguarda literária brasileira do século XX, que culminou na Semana de Arte Moderna de 1922.

O escritor uruguaio Juan Carlos Onetti nasceu em Montevidéu, em 1 de julho de 1909, e escreveu seu primeiro conto “Avenida de Mayo — Diagonal — Avenida de Mayo”, em 1932, que foi publicado no ano seguinte no jornal *La Prensa*. Mas é apenas em 1939 que publica seu primeiro livro, *El pozo*. Tornou-se mais conhecido a partir do *boom* da literatura latino-americana por sua literatura urbana, e de cunho existencialista, embora tenha começado a publicar no final da década de 1930, e sua estética seja dessemelhante à dos escritores do chamado Realismo Fantástico.

Esses dois escritores utilizaram-se do jornal como espaço de divulgação de sua crítica literária; Onetti no semanário montevideano *Marcha* e Andrade no carioca *Diário de Notícias*, ambos entre os anos de 1939 e 1941. Os dois jornais possuem feições bastante distintas. O uruguaio, lançado em 23 de junho de 1939 e idealizado e dirigido pelo economista Carlos Quijano era assumidamente de esquerda. Por ser semanal — chegava ao público às sextas-feiras — não tinha pretensões de noticiário; trazia análise crítica dos principais acontecimentos de política nacional e internacional

e economia, e uma rica seção de cultura, em cujo espaço a literatura tinha a maior evidência entre as colunas de música, teatro, cinema (a partir dos anos 60, TV) e artes plásticas (Cf. ROCCA, 1992). O jornal, com estilo completamente diferente do que já se havia visto na América Latina, revolucionou sensivelmente o pensamento político e a cultura uruguaia a partir de seu discurso.

O *Diário de Notícias* foi lançado no dia 5 de março de 1938. Em seu primeiro editorial, tentou-se delimitar qual seria a plataforma daquele jornal, mas encontram-se contradições muito claras no que tange o delineamento de suas feições. Ele se afirma “livre de qualquer compromisso político e de dependências financeiras que lhe tolham a atuação em prol da coletividade” (*Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 5 de março de 1938, n. 1, primeira edição, p. 2), mas critica, em sua primeira página, o “suicídio moral” de Luís Carlos Prestes com a publicação do “lastimável” Manifesto de “fé bolchevista” (*Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 5 de março de 1938, n. 1, primeira edição, p. 2). Esse primeiro editorial também dirige seu olhar reprovador ao político gaúcho Borges de Medeiros, inimigo político de Vargas, presidente então. Especulava-se uma eleição presidencial nas páginas do jornal, mas sabia-se que, pelo golpe de 1937, tal eleição jamais ocorreria. Em contrapartida, desfia uma crítica elogiosa ao político Batista Luzardo, simpatizante de Prestes nos anos 20, amigo do Estado Novo, contudo. Uma publicação tendenciosa, que trazia, além de notícias de política nacional e internacional, economia, indústria e comércio e registros policiais, a página “Registro Católico” e uma página de “costumes”, “No lar e na sociedade, Bric-à-brac visita interiores elegantes no Rio” (*Diário de Notícias*, 5 de março de 1938). Com duas edições, a primeira, que saía às 4:00, e a segunda, que saía às 11:00, havia, na configuração inicial de sua segunda edição dominical, a “Página de Educação”, que mais tarde tornou-se um suplemento literário.

“O Suplemento Literário” do *Diário de Notícias* saiu, pela primeira vez, no dia 4 de novembro de 1938. Trazia também colunas de cinema, artes, cultura, moda,

lingüística, assuntos psíquicos, assuntos médicos e agricultura. E embora tivesse uma temática tão diversa, recebia artigos de ilustres intelectuais, dentre os quais ressaltou Cecília Meirelles, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Câmara Cascudo, Aurélio Buarque de Hollanda, Sérgio Milliet, Graciliano Ramos, Thomas Mann. Duas colunas eram fixas no jornal: a de letras estrangeiras, por Tasso da Silveira, e “Vida Literária”, por Rosário Fusco, que, impossibilitado de continuar colaborando, sugeriu ao jornal o nome de Mário de Andrade para que o sucedesse.

Empalhador de passarinho

Alguns de seus artigos publicados em “Vida Literária” foram reunidos pelo autor em 1944, em uma obra chamada *O empalhador de passarinho*. Mas em nenhuma de suas quatro edições existiu um prefácio que nos dissesse o porquê de seu título. Existem algumas divergências informativas na obra, em relação aos originais que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como os primeiros dois ensaios, intitulados “Contos e contistas” e “Parnasianismo”, respectivamente de 13 de setembro de 1938 e 2 de setembro de 1938, que não foram publicados no *Diário*. Assim como vários artigos permaneceram fora da seleção de Mário. Somente a partir de 5 de março de 1939, o autor passa a colaborar no “Suplemento Literário” do *Diário de Notícias*. Em seu primeiro ensaio, “Começo da crítica”, que não foi acrescentado à compilação, Mário de Andrade apresenta sua coluna:

[...] é fácil definir o que será essa crítica domingueira. Antes de mais nada, uma procura do essencial. Só mesmo nos momentos felizes em que eu topar com alguma coisa de essencial, entregarei os pontos, isto é, cessarão as ordens que regularizam normalmente os meus princípios de julgar, cessarão os meus pragmatismos (Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, 5/5/1939, p. 2).

Um escritor maduro, dessa vez comprometido em analisar as obras, recentes ou não, que lhe chegassem às mãos, passando pela cultura popular, música, psicanálise, artes plásticas, define seus gostos literários e afirma que “por mais livre que fosse a minha ficção, ela jamais alcançaria as alturas de um Murilo Mendes, de um Manuel Bandeira, de um Lins do Rego, Raquel de Queiroz ou Amando Fontes” (*Idem*). Nesse mesmo artigo, volta seu olhar para o passado e com grande carga de ironia comenta a recepção de *Macunaíma*, numa atitude corajosa, dirigindo ferroadas ao seu leitor:

Outra obra que me deu desgostos foi *Macunaíma*. Sinto que tive nas mãos o material de uma obra-prima e o estraguei. Fazendo obra sistematicamente de experimentação, jurei no princípio de minha vida literária jamais não me queixar das incompreensões alheias. Acho ridículos os incompreendidos. Mas por uma vez só, me seja permitido afirmar que esse livro foi, no geral, apreciado por uma feridora incompreensão. Embora graciosa, porém não complacentemente tratado, *Macunaíma* é uma sátira irritada, mas por muitas partes feroz. Mas brasileiro não compreende sátira, em vez, acha engraçado. Quando depois de uma existência inútil, Macunaíma desiste de ser gente, e a lembrança de ainda poder construir como um Delmiro Gouvêa, prefere ir viver o brilho “inútil” das estrelas, meus olhos se humedeceram (*sic*). Mas o que ficou na consciência geral foi um sussurro de imoralidade! Devo ter muito errado esse livro, pois de outra forma, seria considerar grande maioria dos meus leitores, uns primários (Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, 5/5/1939, p. 2).

Mário de Andrade foi criticado por alguns nesses ensaios, sobretudo por agraciar e logo em seguida criticar, delicadamente ou não, os escritores de suas análises. Mas o que pode ser lido como incoerência, também pode ser visto como uma habilidade em mostrar os defeitos e qualidades dos escritores a quem estudou. Suas análises tratam dos escritores Vinícius de Moraes, Olavo Bilac, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Luís Jardim, Gabriela Mistral, Menotti Del Picchia, Érico Veríssimo, dentre muitos outros. Foi omitida da compilação uma série de artigos acerca da obra de Machado de Assis, com a devida honra que o autor de *Memórias póstumas* merecia, possibilitada pela maturidade crítica do Modernista.

Em um ensaio de 7 de janeiro de 1940, ao comentar o lançamento do livro *Estética do Modernismo*, de Ascendino Leite, “um livrinho bastante injusto” (ANDRADE, 2002, p. 189), “com as suas afirmações categóricas e os seus juízos inapeláveis, de bem atual dogmatismo totalitário” (*Idem*), Mário diz que seu autor

se demonstra curiosamente imbuído daquela mesma felicidade abundante e satisfeita de si, com que os modernistas de há vinte anos atrás afirmavam que Alberto de Oliveira era um trouxa e Camões uma besta. Depois verificou-se de novo que nem Camões era besta nem Alberto de Oliveira um trouxa, e as afirmações grotescamente ofensivas e sem nenhum valor crítico ficaram apenas como cacoetes de alguns retardatários. Era razão para que Ascendino Leite as fizesse renascer agora, dizendo do Modernismo, sempre contando no seu quadro figuras como Graça Aranha, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde, que chegou a ser uns tempos “a intolerância na imbecilidade?”... Se nesse momento, Ascendino Leite tivesse conservado a isenção crítica que reponta noutros passos do seu ensaio, logo se lembrava que a imbecilidade não é caracterização de movimentos coletivos, e os imbecis são de todos os tempos e escolas (ANDRADE, 2002, p. 189).

Mário mostra, então, um posicionamento diverso ao da época da Semana de 22 no que tange o Movimento de Vanguardas Modernas, repudiando seus radicalismos, mas apontando, ali, um gérmen da estética vigente então. Sua última colaboração para “Vida Literária” foi em 23 de novembro de 1941, embora tenha ainda enviado alguns artigos posteriormente para o “Suplemento Literário” do *Diário de Notícias*. Após sua saída, quem ficou a cargo da seção foi Sérgio Buarque de Hollanda.

Periquito el Aguador

Onetti, então desconhecido, foi convidado por Carlos Quijano, diretor do semanário *Marcha*, de Montevideú, para assumir o cargo de secretário de redação do jornal desde seu primeiro número. Nesse semanário foi responsável pela seção de Cultura, corretor das provas do jornal e colaborador. Sob o pseudônimo de “Grucho Marx” (*sic*), compôs uma série de textos em formato epistolar e humorístico. Redigia

também uma coluna de crítica literária, “La piedra en el charco”, escrita sob o pseudônimo de *Periquito el Aguador*, cuja função, segundo o próprio Onetti a descreve, era a de “atirar sua pedra semanal na desolação do charco vazio” das letras uruguaias (ONETTI, 1975, p. 15). Pablo Rocca assim define essa coluna no contexto do semanário *Marcha*:

Esta manifesta vontade de colaborar com a edificação de uma literatura uruguaia sem limitar-se nem aos arrulhos do pressuposto oficial, nem às estéticas consagradas ou congeladas, esta pedra, renovadora e desafiante, era possível dentro dos marcos fáticos e doutrinários que sustentava toda a publicação (ROCCA, 1992, p. 23).

O movimento de vanguardas literárias de início do século XX, e que não prescindia da obra de Mário de Andrade no contexto da história da literatura brasileira, não produziu obras notáveis no Uruguai. Em 23 de junho de 1939, “La piedra en el charco” apresentava-se e lançava a discussão mais recorrente nos quase dois anos de sua existência: a depressão que dominava a produção literária no país já há alguns anos. Apontava os dois fatores que agravavam a situação da literatura uruguaia do século XX: a falta de originalidade dos escritores que, segundo Onetti, inspiravam-se em padrões europeus de escrita, recorrendo a uma linguagem que “é, em geral, uma cópia grotesca do que está em uso na Espanha ou um decalque da língua francesa, branda, brilhante e sem espinhaço. Não temos nosso idioma” (ONETTI, 1975, p. 18); e o segundo fator, intimamente ligado à questão da identidade lingüística, seria uma concepção errônea de uma literatura nacional, pelos escritores, que delimitavam-se a representar paisagens rurais uruguaias:

O mal é quando um escritor deseja fazer uma obra nacional, do tipo que chamamos de “literatura nossa”, se impõe a obrigação de buscar ou construir ranchos de *titora*¹, velórios de anjinhos e épicos rodeios. Tudo isto, ainda que tenha residência em Montevideu (ONETTI, 1975, p. 28).

Não só crítico mordaz do diletantismo crítico, da literatura interessada, da literatura “atrasada” de seus compatriotas, Onetti tecia apreciações também a seus escritores de maior estima, tais como Katherine Mansfield, William Faulkner, James Joyce, sendo este último objeto de seu último ensaio, homônimo do escritor, em “La piedra...”. Datada de 7 fevereiro de 1941, pouco menos de um mês após a morte do escritor, reclamava uma nota de falecimento à altura de Joyce. Outro de seus incômodos, naquela ocasião, era o decreto de morte do romance pelos críticos revolucionários, acrescentando-se a alegação do filósofo espanhol, Ortega y Gasset, de que os temas para a literatura estavam todos gastos e a literatura estava condenada a se repetir. *Periquito el Aguador* afirma, contudo, que o que havia acabado era o romance da sociedade capitalista, já que “os temas gastos até a inutilidade são os temas que satisfazem aos burgueses” (ONETTI, 1975, p. 69). E acalma seus leitores dizendo: “O inútil na arte é, portanto, o que provém ou se destina às pessoas inúteis. Respiremos tranquilos, já que nada se perdeu” (*Idem*).

Deve-se lembrar que, até então, somente um de seus romances havia sido publicado. A proposta da construção de uma nova literatura uruguaia começa a se cumprir em sua obra a partir de 1939, ano do início da publicação de “La piedra en el charco” e do primeiro romance de Onetti. Juan Carlos Onetti permaneceu no jornal até 1941, quando deixou o Uruguai para viver em *Buenos Aires*. O escritor continuou colaborando menos freqüentemente em *Marcha* e em outros jornais e revistas de crítica literária do país.

Conclusão

Embora os dois escritores falem de literatura em uma mesma época, o momento na história literária dos dois países é distinto, assim como o é o momento na vida dos dois escritores: a literatura brasileira já havia ultrapassado a primeira fase

modernista e Mário também, tendo se tornado um dos maiores autores da literatura nacional. O Uruguai não aderiu ao experimentalismo literário das duas primeiras décadas do século XX, e Onetti apenas publicou seu primeiro livro em 1939, ano em que nasceu *Periquito el Aguador*.

Sobretudo, o que difere os dois é um furor vanguardista que encontrava-se em Mário na época da Semana de Arte Moderna, e que não mais existia na época do *Diário*; em sua prática da taxidermia, o autor de *Macunaíma* tornava estático seu objeto para apreciação e estudo. Levando-se em consideração que um empalhador utiliza espécimes mortos, note-se que Mário, era então, um empalhador peculiar: empalhava, também, pássaros vivos, já que sua análise compreendia obras de seu tempo; seu papel, ali, era o de divulgar obras literárias ou contemplar as obras já conhecidas. Onetti, por sua vez, embora se dissesse um periquito — ave de tão pequeno porte — tinha grandes pretensões: a de atirar sua pedra semanal no “charco vazio” das letras de seu país. Assim, acabou por tornar-se um grande mestre da literatura latino-americana. Através e a partir de sua crítica, rompeu com uma literatura nativista e neonaturalista, e buscou uma identidade lingüística na criação ficcional que desse conta da realidade uruguaia, intimista, em um cenário urbano. Nesse sentido, sua crítica e sua obra impulsionam uma literatura urbana, inovadora, que seguiu inspirando várias gerações de escritores a partir da década de 1940.

Referências

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinhos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

FERNADEZ MORENO, César (Org.). *América Latina en su literatura*. Paris: UNESCO, 1972.

MORAÑA, Mabel; MACHIN, Horacio (Org.). *Marcha y America Latina*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2003.

ONETTI, Juan Carlos. *Cuentos completos*. Madrid/ Buenos Aires/ Caracas: Alfaguara, 1993.

_____. *Confesiones de un lector*. Madrid: Alfaguara.

_____. *El pozo*. Disponível em: <www.borris-mayer.net/onetti/>.

_____. *Requiem por Faulkner y otros artículos*. Montevideo: Arca/ Calicanto, 1975.

PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina — palavra, literatura e cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. v. 2-3.

RAVILOLO, Heber; ROCCA, Pablo. *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. Montevideo: Banda Oriental, 1997. 2 v.

ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha. Crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay (1939-1974)*. Montevideo: División Cultural de la I. M. M., 1992.

SANTIAGO, Silvano. *O Cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

VERANI, Hugo J. *De la vanguardia a la posmodernidad: narrativa uruguaya (1920-1945)*. Montevideo: Ediciones Trilce/ Librería Linardi y Risso, 1996.

Nota

¹ *Titora* é uma espécie de palha fina, que cresce à margem de um rio, utilizada na construção de casas simples.